

O governo se sentiu traído

Villas-Bôas Corrêa

Brasília — O presidente José Sarney reagiu à destrambelhada decisão da bancada do PMDB com a irritação de quem se sente atingido por um golpe de surpresa, desfechado com requinte de traição. Não apenas chocou Sarney a extravagância da virtual dissolução da Câmara e do Senado que se continha na proposta aprovada num impulso de afirmação radical e juvenil dos novos parlamentares eleitos. Mas, ela também o alvejara com ameaças e farpas que o colocariam de mãos amarradas sob o controle dos caprichos da Constituinte extrapolando na sua soberania.

O governo entendeu que antes de se dedicar à tarefa de elaborar a futura Constituição o PMDB pela maioria desatinada da bancada se propunha a revogar a pobre Constituição em vigor, com todos os remendos das 26 emendas.

Se a Constituinte pode tudo, sem respeitar os claros limites da sua ampla competência, até que a nova Constituição seja aprovada e promulgada, o país praticamente viverá um intervalo, uma entressafra sem lei e nem direitos consagrados. A Constituinte, disparando com os freios nos dentes, decide sobre o hoje, revoga o ontem e delibera sobre o amanhã.

Informado ou pressentindo a reação de perplexidade indignada do presidente, o deputado Ulysses Guimarães telefonou à noite para o Palácio da Alvorada procurando deitar um pouco de água na fervura. As coisas não eram bem assim e nem havia nenhuma decisão irrevogável. E a reunião da bancada deveria ser interpretada na sua exata dimensão de um extravazamento de ressentimentos, de queixas e de exibicionismo dos novos, no deslumbramento da *avant-première*.

Ulysses serenou os ânimos, anunciando que as conversas e articulações entrariam pela madrugada, encheriam o vazio do sábado e que até a instalação da Constituinte e a eleição da Mesa do Senado seria encontrada a fórmula de composição. Na forma do louvável costume.

A intervenção do presidente do

PMDB, amortecendo as críticas sobre a sua atuação omissa na condução da reunião da bancada, colheu Sarney no instante em que recebia estímulos e conselhos para aceitar o desafio, correr os riscos de consumir a divisão do partido, assumindo a articulação da maioria dos constituintes, fiéis ao governo. O PMDB não suportaria uma ofensiva comandada pelo próprio presidente, recrutando a solidariedade de um apoio consistente. A começar pelos governadores. Com um punhado de telefonemas, Sarney fecharia o cerco, dirigindo apelos pessoais a cada um dos parlamentares.

Certamente que não é essa uma sugestão que se costure com o temperamento conciliador do presidente. Mas dá uma idéia do estado de espírito do governo, do espanto, da incredulidade e da indignação que se sucederam na escalada das reações.

Um deputado dos mais próximos do presidente resumiu a sua impressão da reunião da bancada com esta frase, que está causando sucesso:

— Acabei de assistir a uma reunião da UNE. Coisa que não fazia há mais de 20 anos.

De fato, como amostra da maior bancada partidária da história do país, não podia ser mais desastrosa. Em 10 horas de discursos, vaias, queixas, críticas e muita lavagem de roupa suja, o PMDB conseguiu abrir uma crise com o governo, irritar o presidente José Sarney, jogar os deputados contra os senadores, inclusive os do partido, desagradar os aliados do PFL, juntar todos os demais partidos em frente contra a legenda e montar um impasse que deve ser deslindado com horas de conversas, com recuos e concessão.

O PMDB teve uma estréia lastimável. E contraditória. Pois ao mesmo tempo em que consagrava o deputado Ulysses Guimarães, pulverizando a candidatura do deputado Fernando Lyra, expôs sua liderança ao desgaste na exibição de uma evidência: o PMDB não tem comando.

Encaminha-se para a instalação do Congresso-Constituinte como um bando que desconhece o chefe e dispara à provocação dos panos da demagogia e da insensatez.